



PODER

Em modo 2026, Lula diz que “Brasil está arrumado”

Presidente afirma que, ao assumir, não havia dinheiro para administrar o país, “porque a tranqueira que governava não cuidou disso”

» VANILSON OLIVEIRA
» IAGO MAC CORD*

Embalado pela gradual recuperação da popularidade, apontada por pesquisas de opinião, além da aproximação com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que o Brasil “está arrumado” e chamou o antecessor, Jair Bolsonaro, de “tranqueira”.

As declarações ocorreram durante o lançamento de um novo modelo de financiamento imobiliário da Caixa Econômica Federal (CEF), em São Paulo (**leia reportagem na página 7**). Em discurso repleto de críticas à gestão anterior, Lula fez uma leitura sobre os retrocessos que o país viveu desde o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e incluiu na conta os governos de Michel Temer e Bolsonaro.

Lula também falou sobre a herança orçamentária deixada por Bolsonaro, afirmando que foi obrigado a lançar mão de uma proposta de emenda à Constituição para reorganizar as contas públicas e garantir recursos mínimos de governabilidade. “A gente teve que fazer uma coisa chamada PEC da Transição, que não deve ter no dicionário brasileiro, porque não existe, para ter dinheiro para governar. Porque a tranqueira que governava não cuidou disso”, ironizou, arrancando aplausos da plateia.

Ele disse que o país precisa “de uma nova chance” para seguir em frente. “Vocês percebem que as coisas demoram para acontecer no Brasil? Muitas vezes, a gente consegue andar um quilômetro para frente e, quando a gente menos espera, volta dois quilômetros. Vocês têm noção da destruição que este país sofreu nos últimos seis anos?”, declarou.

O chefe do Executivo também criticou o clima de desconfiança em torno da política econômica e a falta de reconhecimento, segundo ele, dos avanços conquistados em 2023 e 2024. “Existe uma indústria de jogar desconfiança na sociedade brasileira”, afirmou. Acrescentou que seu governo é o que mais trata do tema fiscal com responsabilidade, justamente para “não passar a vida inteira respondendo a processo” por negligência administrativa.

O petista citou a saída do Brasil do Mapa da Fome, da Organização

das Nações Unidas (ONU), e disse que os resultados sociais voltaram a aparecer, mas que ainda há resistência de parte do Congresso. “O país está arrumado”, afirmou, reforçando que o Brasil precisa de estabilidade política e econômica para consolidar os avanços sociais.

Em seguida, o presidente voltou a criticar a rejeição, pelo Congresso, da Medida Provisória (MP) 1303/2025, que previa alternativas à elevação do IOF e aumentaria a arrecadação.

“A necessidade de continuar fazendo política de inclusão social é para fazer as pessoas subirem um degrau a mais na escala social, e criarmos uma espécie de sociedade de classe média. Mas é neste país que a gente manda um projeto acordado no Congresso Nacional, para que pessoas que ganham mais de R\$ 600 mil, R\$ 1 milhão, paguem uma merrequinha a mais; as fintechs e as bets, e eles votam contra, porque o dinheiro poderia servir para fazer mais política de inclusão”, lamentou.

Trump

No fim do discurso, Lula comentou sobre o tarifaço a produtos brasileiros, imposto pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Ele defendeu uma política externa independente e de respeito mútuo entre as nações. Ressaltou que o Brasil não pode depender do “humor de um presidente” estrangeiro e deve ampliar seus mercados. “Se os americanos não quiserem comprar os produtos brasileiros, as empresas podem vender para a China, na Ásia, em qualquer país do mundo”, sustentou.

O chefe do Executivo concluiu ressaltando que “no mundo, ninguém respeita quem não se respeita”. “Se acha que lambem botas te ajuda, vai cair do cavalo. As pessoas só te respeitam quando percebem que tem autoridade moral e caráter”.

O discurso ocorreu um dia após a divulgação da pesquisa Genial/Quaest, que mostrou empate técnico entre aprovação (48%) e desaprovação (49%) do governo, o melhor índice de 2025. O levantamento também indicou que Lula ampliou a vantagem sobre Tarcísio de Freitas (Republicanos) em um eventual cenário para 2026, subindo de 8 para 12 pontos.

*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa

Paulo Pinto/Agência Brasil



Lula durante lançamento de novo modelo de financiamento imobiliário. Ele lamentou a “destruição que esse país sofreu nos últimos seis anos”



Se acha que lambem botas te ajuda, vai cair do cavalo. As pessoas só te respeitam quando percebem que tem autoridade moral e caráter”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

Leitura positiva da sociedade

O líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias (RJ), comemorou o resultado da pesquisa Quaest sobre a popularidade do presidente Lula e criticou a oposição por barrar a MP da taxação dos “bancos, bets e bilionários”. “O que vocês fizeram foi covardia, vocês estão atirando contra o Brasil”, afirmou.

Para o cientista político Pedro Hermílio Villas Bôas Castelo Branco, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a melhora na aprovação de Lula expressa a leitura positiva da sociedade sobre a coerência e a firmeza do governo em temas centrais como soberania, democracia e política externa.

Segundo ele, a defesa da independência dos Poderes e a postura ativa diante dos Estados Unidos reforçaram a imagem de liderança. “A melhora da aprovação do Lula na pesquisa da Quaest e a diminuição da rejeição que parece empatar

agora com a aprovação demonstram que as ações do governo vêm sendo muito coerentes no que diz respeito à defesa da soberania, no contexto da imposição de tarifas de 50% ao Brasil”, frisou.

O pesquisador também destacou que a diplomacia brasileira tem se mostrado mais autônoma e eficaz. Ele avaliou que a relação direta entre Lula e Donald Trump “quebrou o monopólio da comunicação”, antes concentrado no deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Ainda ressaltou que a atitude firme do presidente contribuiu para consolidar apoio interno.

“O fato de o Lula não ter baixado a cabeça, de ter agido com altivez, defendendo a soberania nacional e mantido um discurso coerente fez com que ele distoasse da maioria dos líderes mundiais. Isso parece estar sendo lido e recebido por diferentes segmentos da sociedade civil e se

espelha numa melhora da aprovação do governo e nas chances de vencer as eleições de 2026”, observou.

O professor ressaltou que medidas de impacto econômico e simbólico também contribuíram para o avanço da imagem do governo, como a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil e a reação social contra propostas como a PEC da Blindagem e a anistia a golpistas.

“O Brasil tem um conflito distributivo perverso, em que os mais pobres e a classe média pagam mais impostos do que os mais ricos. A isenção é uma conquista sem precedentes. E as manifestações contra a PEC da Blindagem e contra a anistia mostraram o apoio da sociedade à democracia”, destacou. “Mesmo com um Congresso desfavorável, o governo vem conseguindo implementar políticas que alteram questões estruturais.”

Ed Alves CB/DA Press



Lewandowski: “Essas decisões têm que ser rápidas, mas bem ponderadas”

Escolha para STF, após viagem a Roma

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, afirmou, ontem, que o novo nome para ocupar a cadeira deixada por Luís Roberto Barroso no Supremo Tribunal Federal (STF) deverá ser escolhido e indicado após o retorno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) da viagem à Itália.

Lula embarca, hoje, para Roma, onde participará do Fórum Mundial da Alimentação 2025. Apesar da data marcada para a ida, ainda não há previsão oficial de retorno. “Essas decisões têm que ser rápidas, mas bem ponderadas. O presidente tem o tempo dele. Ele tem uma viagem marcada para o exterior, e creio que, na volta, isso deve ser decidido”, afirmou Lewandowski durante o Fórum Esfera, realizado em Belém (PA).

No evento, Lewandowski também elogiou o magistrado. “O ministro Barroso desempenhou um excelente trabalho no Supremo. Foi um ótimo colega, um intelectual de

proa, e vai fazer falta. Todos aprendemos muito com ele”, destacou.

Barroso anunciou a aposentadoria antecipada do STF na última quinta-feira. Aos 67 anos, ele poderia permanecer no cargo até os 75, idade-limite para ministros da Corte. No fim de setembro, ele havia transferido a presidência do STF ao ministro Edson Fachin.

Questionado sobre possíveis indicações, Lewandowski negou estar envolvido nas discussões e disse que não manifestou preferência por nenhum nome para a sucessão.

“Eu, como cidadão, quero que haja alguém que tenha os requisitos constitucionais, notável saber jurídico e reputação ilibada. Essa é uma decisão pessoal do presidente e ele não precisa consultar ninguém”, declarou o ministro da Justiça.

Pressão

Com o anúncio de Barroso, entidades — como Fórum Justiça,

Themis-Gênero, Justiça e Direitos Humanos e Plataforma Justa — começaram a pressionar para que Lula indicasse uma mulher ao cargo.

Atualmente, o STF conta com apenas uma ministra em sua composição, Cármen Lúcia, que assumiu a função em 2006 e deve se aposentar em 2029. A Corte já teve outra ministra simultaneamente, Rosa Weber, que se aposentou em 2023.

Em nota conjunta, as entidades afirmaram que a saída de Barroso representa uma “oportunidade para promover a igualdade na Justiça brasileira”. “Não é por falta de excelentes nomes de mulheres que Lula deixará de indicar uma ministra para a Suprema Corte, reduzindo a constrangedora e histórica desigualdade de gênero”, diz o comunicado.

Na nota, as organizações citaram mais de 10 nomes de mulheres que poderiam assumir a vaga, entre as quais, Adriana Cruz (juíza

e ex-secretária nacional do CNJ), Daniela Teixeira (ministra do STJ), Edilene Lobo (ministra do TSE) e Maria Elizabeth Rocha (presidente do STM).

Além da indicação em si, as instituições reforçaram a necessidade de um “debate profundo” sobre a baixa representação feminina em cargos de direção no Judiciário e em outras esferas de poder.

Apesar da pressão de movimentos por maior representatividade feminina, os principais nomes ventilados nos bastidores para a sucessão de Barroso continuam sendo homens, entre os quais, Jorge Messias, advogado-geral da União e homem de confiança de Lula; Rodrigo Pacheco (PSD-MG), presidente do Senado, com trânsito no Legislativo e no Judiciário; Bruno Dantas, ministro do Tribunal de Contas da União (TCU); e Vinícius Carvalho, ministro da Controladoria-Geral da União (CGU).